

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LEITURA DA ARTE CONTEMPORÂNEA

Giovana Bianca Darolt Hillesheim
Maria Cristina Rosa Fonseca da Silva

Resumo

Este ensaio se propõe a refletir sobre as muitas indagações que se lançam com frequência sobre a leitura da arte contemporânea. Para tanto, foram levadas em conta as contribuições teóricas que situam o papel social da leitura e sua contribuição para a formação humana, reafirmando um conceito amplo que dê conta do texto visual, sonoro e sinestésico, além do texto gráfico. Em seguida, a partir da análise de três obras de arte contemporâneas expostas na 26^a Bienal Internacional de São Paulo em 2004, procurou-se elencar características que sintetizem as produções artísticas da atualidade e possam mapear um padrão das idéias que norteiam estas obras. As reflexões apontam seis características comuns aos trabalhos analisados que poderão, mediante pesquisas mais aprofundadas, resultar em um parâmetro orientador numa mediação inicial com obras de arte contemporânea.

Palavras-chave: Arte Contemporânea, leitura, Bienal de São Paulo.

Introdução

Partindo do pressuposto que a experiência perceptiva visual é um passo preliminar e que tal experiência com a arte tem um caráter progressivo que depende do tempo dedicado à observação, do conhecimento das categorias que compõe a imagem e do repertório de cada um, apresenta-se a seguir uma reflexão sobre os caminhos da leitura de imagem da arte contemporânea. Almeja-se não o olhar instantâneo, pretende-se “ultrapassar esse primeiro contato com fatos e acontecimentos já existentes que resultam em processos interpretativos mais eficazes” (Francastel, 1997 p.28).

Toda reflexão sobre a arte produzida nos últimos dez anos tem muito a ganhar se contextualizada em termos filosóficos, mercadológicos e sociais. Também a relação artista x público sugere uma leitura pautada no cotidiano humano. Neste intuito o texto propõe questionamentos a três obras de arte presentes na 26ª Bienal Internacional de São Paulo, realizada no período de 25 de setembro a 19 de dezembro de 2004. A interdisciplinaridade presente no discurso artístico e a relação público x artista serão a linha condutora das reflexões apresentadas.

A 26ª Bienal protagonizou o calendário oficial das comemorações dos 450 anos de São Paulo e foi apoiada e celebrada pelo Ministério da Cultura como um marco brasileiro que valoriza outros aspectos vitais da diversidade cultural brasileira que não só o carnaval, o futebol e a capoeira. A seleção das obras aqui mencionadas obedeceu ao critério didático de melhor exemplificação e mapeamento dos elementos que compõe a arte contemporânea, mostrando que relacionar-se com a obra de arte é conhecer em extensão o processo criador sem deixar de reconhecer que cada obra independe de um sentido único ou restrito;

uma obra pode não responder às indagações de seu observador, mas terá sempre um âmbito de significação particular, intencional e, por isso possível de uma participação mais ampla.

Um conceito amplo de leitura

Um exame das variações dos hábitos de leitura de uma nação para outra demonstra que o lugar ocupado por ela na escala de valores educacionais é de primeira importância: todos estão convencidos da importância da leitura para a vida individual, social e cultural. Apesar deste inegável reconhecimento público, só nestes últimos decênios, com o desenvolvimento tecnológico e econômico exigindo continuamente a colaboração intelectual da maioria das pessoas, surgiu a pergunta: Como poderá tornar-se realidade a extensão a todos do direito de ler? Significando este direito igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir.

A leitura que outrora foi considerada simplesmente um meio de receber uma mensagem importante hoje é vista como um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto. O processo de transformar símbolos gráficos ou imagéticos em conceitos intelectuais exige grande atividade do cérebro. Trabalhar com a linguagem, em suas diversas formas, é trabalhar com o homem, pois a leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício estético e intelectual e

umenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo.

A leitura, portanto, não tem importância menor hoje do que teve no passado. Ao contrário, é o que tem sido há séculos: portadora do conhecimento de uma geração para outra; ajuda a repensar os problemas éticos, morais e sociopolíticos da vida, auxilia na formação de perguntas e respostas. Algo prejudicial pode acontecer com alguém que não tenha o hábito de ler: pobreza e insegurança existencial. Ou a pessoa se preenche de idéias ou passa a caminhar no nível mais horizontal.

O leitor eficaz é desconcertado pela leitura, que o desarruma nos seus sistemas de referência. Algo da ordem da provocação acontece, pois o desejo do leitor é colocado em movimento mediante um fragmento de texto. Com isso ele se descobre, pela experiência da leitura, como um sujeito de desejos, de forma que ela lhe possibilita uma intuição e até mesmo um conhecimento de si mesmo antes inexistente.

A leitura de imagens artísticas pede igualmente um leitor competente e familiarizado com as particularidades da linguagem visual, pois não somente canais intelectuais são utilizados para a concretização da leitura, mas também sensoriais, emocionais e estéticos. Neste sentido, quanto maior o contato do leitor com seu objeto de leitura, a obra de arte, tanto maior sua desenvoltura na recepção; ele precisa estar familiarizado a gramática visual que compõe o universo artístico do artista. Só então acontece de fato a leitura: união de dois mundos que pensam e re-pensam o tema tratado. Assim, a leitura propicia um constante aprimoramento da sensibilidade e do intelecto.

A dificuldade na leitura da arte contemporânea reside muitas vezes na sua apresentação/materialização, pois esta passa por uma produção que, geralmente, implica em agenciamentos de elaboração e execução, coleta longa e trabalhosa de materiais (talheres em companhias aéreas, cascas de ovos, vestidos de noivas, etc.). Estes aspectos, muito mais práticos do que intuitivos, ferem a concepção romântica da arte, presente no inconsciente da maioria das pessoas que têm dificuldade em entender que o mundo da arte contemporânea há muito extrapolou o universo da pintura e da escultura, muito embora elas ainda permaneçam fazendo parte dele.

Esta nova condição da arte implica na revisão de categorias tradicionalmente ligadas às obras de artes que, segundo Freire, se fundamentaram no culto renascentista do objeto autônomo (Freire, 1991, p.29). Dessa maneira, para que se possa ler, refletir e interagir com a produção artística contemporânea deve-se assumir uma postura crítica como ponto de partida. Tal repertório crítico convive com definições oscilantes onde a legitimação instrumental passa, inequivocamente, pela situação da exibição.

Surge aí um contraponto: ao mesmo tempo em que a obra não é um objeto de consumo que se exponha nas casas, escritórios ou restaurantes, recusando-se a ser tratada como condecoração, ela também não pode ser vista sem uma consideração ambiental cuidadosa que lhe permita ser tratada como arte. Isto é, a exposição do objeto artístico modula a percepção do público, possibilitando que as pessoas vejam ou não vejam certas coisas.

Assim, todos aqueles que viverem para a arte e pela arte como críticos, curadores, trabalhadores de museus e galeristas, estão

influenciando a leitura da obra de arte (Freire, 1991, p.31). Mais do que nunca a autonomia da obra de arte é questionada e a crítica necessariamente expande-se, incorpora os princípios da psicanálise, da filosofia da linguagem, da crítica da cultura. Tais áreas de conhecimento passam a ser pré-requisitos para a leitura da arte contemporânea.

Pensando a arte a partir da 26ª Bienal Internacional de São Paulo.

A vida em suas diferentes fórmulas de criação constitui um dos alvos privilegiados da atualidade. Para produzir arte e fazer notar-se, o artista extrai matrizes não só da biodiversidade da natureza, mas também do multiculturalismo de territórios. Um dos maiores desafios do artista contemporâneo está em se instalar no âmago desta ambigüidade, associando-se tanto ao natural e global quanto ao cultural e local. Produz-se então uma arte *anômala* e não simplesmente *anormal*.

A diferença entre anomalia e anormalidade pode ser útil para avançarmos nessa reflexão. “Anomalia” é uma palavra de origem grega, que designa o rugoso, o desigual, o singular, enquanto “anormalidade”, uma palavra de origem latina, que qualifica aquele que contradiz a regra, definindo-se em relação as características genéricas (Gil, 1998, p.17). Assim, na tradição latina, as manifestações do que é o mais próprio da vida, sua potência criadora, são interpretadas como negativas condenáveis.

Na arte contemporânea o artista não busca mais uma transgressão de uma referência absolutizada, como na arte moderna, ou pós-moderna, busca a anomalia acolhida exatamente por sua

singularidade. Ocorre, porém que o lugar de destaque e prestígio que esta anomalia recebe no panorama artístico faz com que muitos pseudo-artistas a convertam em matéria-prima na fabricação de clones, novas formas genéticas de arte, novos tipos de referências homogeneizadoras.

Esta atitude acarreta ao leitor desavisado uma falsa impressão de que a arte contemporânea seja repetitiva e inócua. O desafio em separar “o joio do trigo” é um exercício que exige a maturidade progressiva do olhar fugindo das obras cartografadas, clonadas, esvaziadas do problema vital e caminhando em direção à arte que problematiza e negocia de forma inteligente e singular com o multiculturalismo e sua relação com a biodiversidade.

Xu Bing é um artista que usufrui do caráter anômalo em suas obras. Oriundo da China, um país tradicional por excelência, Xu Bing, nascido em 1975, pertence a uma geração com uma “referência cultural complicada”, como ele mesmo definiu em sua visita ao Brasil em 2004 para a 26ª Bienal de São Paulo. Foram dez anos de educação socialista, dez anos de revolução e mais dez de pós-revolução, quando veio a quebra da cultura e a abertura das portas da China, o que permitiu a entrada da cultura ocidental; além disso, o artista reside desde 1990 nos Estados Unidos. Essa diversidade cultural tornou-se um terreno fértil para uma arte multicultural, biodiversa e ao mesmo tempo sensível às questões locais.

Xu Bing faz diversos trabalhos usando a língua, considera-a uma parte de tudo porque a vida cultural está baseada no idioma. Quando se toca no idioma, toca-se as pessoas em suas vidas, em seus padrões. “As pessoas estão atreladas aos idiomas porque é a primeira coisa que

aprendem. E se você muda algo na língua é um verdadeiro choque”, alerta o artista.

Xu Bing trouxe para a Bienal a obra *Where Does the Dust Collect Itself*¹. Trata-se de uma instalação com pó coletado depois dos atentados de 11 de setembro, quando o World Trade Center ruiu. Ele fez referência a como a baixa Manhattan ficou coberta com fina camada de película cinza esbranquiçada. Os dizeres de um poema budista são visíveis, revelados como se as letras tivessem sido removidas debaixo da camada de pó.

O Bodhi (verdadeira sabedoria) não é como a árvore;

O espelho reluzente não brilha em lugar algum;

Como não há nada do que havia,

Onde o pó se coleta?

O artista explica que o poema traduz a verdadeira expressão da fé Zen e foi escrito por Huineng (638-713), o sexto patriarca da seita Zen na China. Em resposta a esse poema, um outro poema foi escrito por um monge Zen que dizia compreender a fé em toda sua pureza:

O corpo é a árvore Bodhi;

A alma é como um espelho reluzente,

Preste atenção para mantê-lo sempre limpo,

E não deixe que o pó se acumule sobre ele.

¹ Onde o pó se coleta.

Na obra *Where Does the Dust collect Itself*, Xu Bing discute a relação entre o mundo material e o mundo espiritual, e as circunstâncias complicadas criadas por diferentes visões de mundo. Ele coletou o pó a pouca distância do sítio devastado. Sobre o processo de criação Xu Bing revela:

Eu usei o pó. Assoprei no ar e depois o pó grudou nos estencils que estavam no chão. Nós retiramos os estencils e ficaram as imagens das letras. As formas das letras que estão no chão são do século VII de um poema budista....Esses são trechos do poema zen. É uma idéia sobre o pó. Eu acho que é um pensamento bem chinês. Os chineses pensam que tudo veio do pó, volta para o pó... O pó é um elemento básico. Nunca muda novamente. Por isso que é importante. Isso é verdadeiramente filosofia asiática. (Catálogo da Bienal, 2004, p. 67)

A diversidade da matéria-prima e do suporte aliado ao caráter multicultural da obra, sensível às questões globais e ao mesmo tempo locais, faz de *Where Does the Dust Collect Itself* uma verdadeira manifestação artística contemporânea. É anômala, é singular sem pretender ser somente inusitada.

Enquanto a produção artística atual faz uso de vários meios e manifesta um interesse relativamente grande pelo conteúdo, nossa tradição de leitura tem sido ainda muito influenciada pelo modernismo, cujos valores estavam centrados na habilidade (campo do fazer) e na sensibilidade estética, incluindo qualidades formais e estilísticas. A visão modernista concebe a arte como uma entidade objetiva que pode ser aprendida através da percepção, sem necessidade de elementos culturais os verbais; para apreciá-la basta compreender suas relações internas particulares, como a linha, a cor e a forma. Estas relações são

compreendidas pelos olhos apenas, independentes de fatores contextuais.

A visão contemporânea, em contraste, entende que uma obra de arte pode ser constituída por dois tipos de coisas: por suas qualidades estritamente estéticas e por um conhecimento de seu contexto. Além disso, esses dois tipos de fatores não são independentes, mas trabalham em íntima interação. Uma obra de arte sob o ponto de vista contemporâneo é mais um objeto simbólico do que puramente estético, cuja interpretação depende em parte do que pode ser visto e em parte do contexto cultural. A interação do que pode ser visto e um conhecimento do contexto acontece na interpretação; e uma resposta adequada para uma obra de arte requer interpretação inclui a percepção, mas vai além.

Para ilustrar a relevância do contexto na produção e na leitura da arte contemporânea, assim como o caráter cognitivo inerente a ela, faremos uma análise da obra *Move36*, de Eduardo Kac, um dos representantes brasileiros na 26ª Bienal.

Move 36 faz referências ao dramático movimento feito por um computador contra o campeão mundial de xadrez Gary Kasparov em 1997. Essa competição pode ser caracterizada como uma disputa entre o maior jogador de xadrez vivo e o maior jogador de xadrez não vivo. Em suma, uma medida de forças entre o humano e a máquina.

A instalação apresenta um tabuleiro feito de terra (quadrados negros) e areia (quadrados claros) no meio da sala. Posicionada exatamente onde o computador fez o seu lance nº 36 está uma planta cujo genoma incorpora um novo gene criado especialmente para este trabalho. Através das modificações genéticas realizadas, as folhas da

planta, naturalmente planas, se curvam. A presença dessa planta (que representa a natureza influenciada pela tecnologia) enraizada precisamente onde o ser humano perdeu para a máquina (representando a tecnologia influenciada pelo humano) revela uma linha tênue entre organismos vivos e digitais. Nas paredes da sala são exibidas projeções silenciosas com imagens que remetem a jogadas de xadrez.

O engajamento cognitivo do leitor com a obra é imprescindível para que a leitura ocorra de fato. Conhecer o contexto de criação de uma obra não implica em uma leitura fechada e única, ao contrário, a bagagem cognitiva do leitor aliada ao contexto enriquecem o processo de leitura e fazem despontar muitas formas significativas. A instalação de Eduardo Kac, por exemplo, ilumina os limites da mente humana, a capacidade crescente dos computadores, a subjetividade da vitória, as fronteiras do conhecimento. Finalmente vale dizer que obras de arte contemporâneas são encarnações de interesses comuns, pedem uma leitura ativa, unem diversos meios de pensamento, relacionam-se a vários contextos e são suscetíveis a múltiplas interpretações.

A arte contemporânea põe em xeque, entre outras coisas, o próprio entorno da arte. Expressões, improvisos, ações efêmeras que acontecem nas ruas, no espaço urbano, destinam-se ao público comum, ao cidadão comum que desfruta do espaço urbano, ou seja, a todos sem exceção. É uma arte que se quer democrática. Sua proposta é interferir no cotidiano das pessoas através do sentido conceitual da intervenção. Seu público alvo é naturalmente o transeunte. Para assimilar a arte contemporânea é necessário também assimilar espaços e atitudes contemporâneas. A obra, nestas intervenções, só se concretiza quando o sujeito se “contamina” com a idéia do artista; os questionamentos, as

vicissitudes, de um passam a fazer parte da vida de outro. A arte assume seu papel natural, comum a qualquer outro suporte artístico: semear idéias; na arte contemporânea, porém, a mudança de espaço favorece uma passagem do campo estético para o campo político.

Preocupações de cunho cultural são a tônica das obras da artista brasileira Rosana Palazyan. *Homem do Realejo* recolhe a voz da população de rua de São Paulo, circula aproximando a dispersa população de rua e o público da arte com seu desejo de sublimação, confere a visibilidade ao submerso.

A idéia primeira de Rosana Palazyan era mexer com memórias de infância levando o realejo de volta as ruas; através dele se aproximar das pessoas que vivem nas ruas, conhecer seus pensamentos, suas histórias de vida, seus sonhos e imprimir parte dos depoimentos nos papéis de realejo. Em um segundo momento levar o realejo com estas frases aos locais onde aconteceram os encontros e oferecer os papéis da sorte, retirados pelo periquito, às pessoas que todos os dias passam apressadas pelos que vivem nas ruas.

Interessante observar que a partir da legitimação do papel impresso, as vozes socialmente abafadas ganham status de verdade e passam a ser e consideradas pelas mesmas pessoas que outrora não as reconheciam. O espaço sócio-cultural renegado e subvertido passa a ser o foco da atenção. Quando a artista parte para uma terceira etapa de sua obra, trazendo o homem do realejo para circular pela Bienal, alcança um público que, em tese, está acostumado à fruição artística. Surgem então os questionamentos: que espaço é este da Bienal? É este o local mais apropriado para a arte?

A arte contemporânea é um campo sobre o qual ainda não há definições exatas em razão das profundas mudanças ocorridas na sua concepção e expressão poética; ela apresenta diversas linguagens e gestualidades que sinalizam para uma ruptura com a referência modernista. Na ótica de Farias, “é o sintoma de uma insatisfação, cada obra de arte traz embutida uma crítica à própria noção de arte e pode mesmo modificar aquilo que entendemos por arte” (Farias, 2002, p. 114).

É talvez por essa insatisfação que encontramos na arte contemporânea aspectos de desconstrução, citação, experimentação, hibridação, apropriação, acumulação, repetição, seriação, ironia e outros. Aspectos estes expressos nas modalidades como performances, instalações, *happenings* e videoarte. Ainda assim, apesar do aspecto “desconstrutivo” inerente à produção artística contemporânea, é possível traçar um perfil, ainda que simplório, das questões que cerceiam a arte contemporânea.

As três obras anteriormente discutidas servem como alicerce para construção de um quadro comparativo cujo objetivo maior é elencar características inerentes às obras artísticas de nosso tempo. Desta forma, como fruto desta pesquisa, entende-se que a arte contemporânea se constrói a partir de alguns pilares que lhe dão sustentabilidade.

Citamos abaixo seis itens, frutos de uma reflexão que embora necessite aprofundamento, levou em conta não somente o produto artístico, mas também o processo, os meios, o repertório e o contexto de criação. No intuito de demonstrar como estes conceitos aparecem nas obras estudadas, elaborou-se um quadro comparativo que visa exemplificar com clareza a presença dos componentes intrínsecos à obra de arte contemporânea.

	“Where Does the Dust Collect Itself” Xu Bing	“Move 36” Eduardo Kac	“Homem do Realejo” Rosana Palazyan
1. QUESTIONAMENTOS SOBRE O COMPORTAMENTO HUMANO	A sobreposição do mundo material sobre o mundo espiritual;	Quem é dominante e quem é dominado na relação entre o homem e a tecnologia;	O status da obra de arte e o local convencional a ela destinando;
2. RESSIGNIFICAÇÃO DO COTIDIANO E DO POPULAR	O convívio multicultural;	O jogo de xadrez associado à intelectualidade;	A visibilidade dos grupos sociais menosprezados;
3. ABOLIÇÃO DA REPRESENTAÇÃO COMUM	Escrever com material inusitado (pó);	Instalação aliada à tecnologia biogenética;	Intervenção onde representações populares são apresentadas como filosofia milenar;
4. CRÍTICA ÀS ATITUDES ADOTADAS POR CONVENIÊNCIA E SEM PREOCUPAÇÃO SOCIAL	Bairrismo;	Relacionamento virtual substituindo o contato pessoal	A legitimidade de uma idéia antes e depois da mesma estar impressa;
5. HIBRIDISMO DE LINGUAGENS	Grafismo; Poesia; Impressão;	Projeção em vídeo; Instalação;	Poesia Instalação Performance;
6. RELAÇÕES FILOSÓFICAS DIALÉTICAS	Natural x cultural Global x local;	Homem x máquina;	Ato estético x ato político;

Considerações finais

Convencidos de que a arte requer e estimula novas posturas e diferentes olhares sobre o cotidiano, sobre os dilemas humanos e sobre a vida de forma geral, entende-se como necessário interrogá-la no bojo das mudanças culturais em curso. As reflexões aqui produzidas acerca das enormes transformações operadas no meio artístico, dizem respeito à concepção e produção, como também à recepção do objeto artístico. Essas transformações apontam para a permanente reconfiguração da experiência humana. Explorar as implicações éticas e estéticas destas transformações se contrapõe à aceitação passiva e acrítica daquilo que já

somos e do que estamos nos tornando, cujos contornos ainda nos parecem indiscerníveis.

Enfocando a leitura como espaço privilegiado de diálogo entre o homem e sua relação com o meio, é possível acreditar na constituição de novas posturas humanas frente ao mundo, desencadeando novas possibilidades de olhar. É preciso, no entanto, instrumentalizar o leitor com um repertório sensível, cognitivo e comprometido com o seu tempo pois, um leitor eficaz se constrói através do contato freqüente com diferentes textos, através da interação e do pleno envolvimento com a obra. Mas, para que essa “plenitude” aconteça, é importante que o leitor saiba: Que obra é essa? Como foi concebida? No que acredita?

Examinando a concepção do objeto artístico aprende-se que longe de ser simplória, a leitura é um fenômeno altamente complexo afetado por fatores afetivos, cognitivos e culturais. Ao mapear as características da obra de arte contemporânea é possível notar o impacto produzido na sensibilidade humana pelo consumo exacerbado, a degradação da vida pelo capitalismo selvagem, a perda de valores. A arte fala, denuncia. Mas, na maioria das vezes, grita para poucos. É, assim, excludente: postura que critica com veemência e insistência. A quem cabe o papel de conduzir o leitor pelos imbricados códigos da arte contemporânea? Às políticas públicas? À instituição escola? Aos museus, galerias e afins?

Observa-se a onipresença da arte nos mais variados ambientes e situações. Fragmentadas em diferentes e variadas categorizações, muitas das quais mais impostas pelas necessidades intrínsecas ao mercado, do que propriamente por questões estéticas, a arte atual não pode, no entanto, ser tratada como um fenômeno único cujos contornos sejam

totalmente estáveis e firmemente estabelecidos. A prática do leitor, a intimidade com o objeto de leitura, sempre pode estabelecer novos parâmetros e situações, causando assim a contínua reformulação teórica, quase como um horizonte que se afasta a medida que se acredita estar prestes a alcançá-lo. A força da tradição que moldou a arte ocidental durante vários séculos ainda se conserva em nossos dias. Desta forma, qualquer tentativa de definir conceitualmente a produção atual terá de levar em conta a modalidade artística predominante em cada contexto cultural.

Esta pesquisa apontou uma arte que tem clareza de sua visão de mundo, apontando para a constituição de objetos artísticos permeáveis ao estranhamento, arriscando o confronto com o diverso. O momento cultural caracteriza-se pela coexistência pacífica de múltiplas referências, sendo o grande desafio evitar apreensões reducionistas que maculem a compreensão da totalidade dessa urdidura. Trata-se de analisar as transformações deflagradas e realizar um paralelo com a leitura convencional que delimita a obra e sugere um formal distanciamento.

Por fim, faz-se necessário entender que todo o esforço da arte contemporânea tem sido no sentido de romper com os sistemas de representação e forçar os sentidos para além do amortecimento do hábito.

Referências

BAUDRILLARD, J. **Tela Total**: ironias na era virtual da imagem. Porte Alegre: Sulina, 1997.

BELLUZZO, A. M. **O Brasil dos viajantes**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BUORO, A. M. **O olhar em Construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 1996.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, C. **Questões da arte**: o belo, a percepção estética e o fazer artístico. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2004.

COSTA LIMA, L. **A poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

DUARTE JUNIOR, J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Cortez, 1988.

FRANCASTEL, P. **Imagem, visão e imaginação**. Trad. Fernando Caetano. Lisboa: Edições 70, 1983.

FREIRE, Cristina. **Poéticas do processo: arte conceitual no museu**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Catálogo da XXVI Bienal**: artistas convidados. São Paulo, 2004.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Catálogo da XXVI Bienal**: artistas nacionais. São Paulo, 2004.

JAMESON, F. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo:Ática, 1997.

OSTROWER, F. **Universos da arte**. 13^a ed. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

ROSENBERG, H.A. **A tradição do novo**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

Giovana Bianca Darolt Hillesheim

Arte-educadora, graduada em Educação Artística – Artes Plásticas Especialista em Educação: Leitura, Letramento e Literatura. Mestranda do PPGAV – CEART - UDESC , membro do grupo de pesquisa Educação Arte e Inclusão do CNPq.

Dra. Maria Cristina Rosa Fonseca da Silva

Professora e pesquisadora do Centro de Educação a Distância – CEAD e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – PPGAV, da UDESC. Líder do grupo de pesquisa: Educação, Arte e Inclusão.